



Revista Affectio Societatis
Departamento de Psicoanálisis
Universidad de Antioquia
revistaaffectiosocietatis@udea.edu.co
ISSN (versión electrónica): 0123-8884
Colombia

2022

Tharso Peixoto Souza & Márcia Stengel

Corpos diante do espelho digital: as novas redes de subjetivação

Revista Affectio Societatis, Vol. 19, N.º 37, julio-diciembre de 2022

Art. # 5 (pp. 1-24)

Departamento de Psicoanálisis, Universidad de Antioquia
Medellín, Colombia

ARTÍCULO DE REFLEXIÓN



CORPOS DIANTE DO ESPELHO DIGITAL: AS NOVAS REDES DE SUBJETIVAÇÃO

Tharso Peixoto Souza¹

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil

tharsopeixoto.tp@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-6269-6643>

Márcia Stengel²

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil

marciastengel@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-9211-9433>

DOI: <https://doi.org/10.17533/udea.affs.v19n37a05>

Resumo

O surgimento da internet trouxe mudanças importantes que alteraram a experiência de vida na hipermodernidade. Diante deste novo cenário, como se produzem as subjetividades? O presente artigo visa trazer a reflexão acerca da atual exposição da imagem digital do corpo e sua relação com os processos de subjetivação. Fundamentando-se em estudos sobre a cultura digital realizados na América Latina

e sua interlocução com a teoria do estádio do espelho de Jacques Lacan, adentra-se a dimensão da virtualidade e seu impacto na subjetividade, a qual é abordada em seu aspecto de extimidade e pluralidade líquida e que se constrói a partir de um corpo digital produzido para o olhar.

Palavras-chaves: ciberespaço, subjetividade, imagem digital.

1 Psicólogo, psicanalista. Mestre e doutorando em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Professor convidado do Instituto de Educação Continuada PUC Minas.

2 Psicóloga, Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Pesquisadora CNPq.

CUERPOS FRENTE AL ESPEJO DIGITAL: LAS NUEVAS REDES DE SUBJETIVACIÓN

Resumen

El surgimiento del internet trajo consigo cambios importantes que alteraron la experiencia de vida en la hipermodernidad. Ante este nuevo panorama, ¿cómo se producen las subjetividades? Este artículo busca reflexionar sobre la actual exposición de la imagen digital del cuerpo y su relación con los procesos de subjetivación. Basado en estudios sobre la cultura digital realizados en América

Latina y su interlocución con la teoría del estadio del espejo de Jacques Lacan, se adentra en la dimensión de la virtualidad y su impacto en la subjetividad, la cual se aborda en su aspecto de extimidad y pluralidad líquida y se construye a partir de un cuerpo digital producido para la mirada.

Palabras clave: ciberespacio, subjetividad, imagen digital.

BODIES IN FRONT OF THE DIGITAL MIRROR: THE NEW NETWORKS OF SUBJECTIVATION

Abstract

The emergence of the Internet brought about significant changes that altered the hypermodern life experience. Faced with this new scenario, how are subjectivities produced? This paper seeks to reflect on the current exposure of the digital image of the body and its relation to the processes of subjectivation. Based on studies on digital culture carried out in Latin America and their interlocution with

Jacques Lacan's theory of the mirror stage, it delves into the dimension of virtuality and its impact on subjectivity, which is addressed regarding its aspect of extimacy and liquid plurality and is constructed from a digital body produced for the gaze.

Keywords: cyberspace, subjectivity, digital image.

LES CORPS FACE AU MIROIR NUMÉRIQUE : LES NOUVEAUX RÉSEAUX DE SUBJECTIVATION

Résumé

L'émergence de l'internet a entraîné des changements importants qui ont modifié l'expérience de la vie dans l'hypermodernité. Face à ce nouveau paysage, comment les subjectivités sont-elles produites ? Cet article cherche à réfléchir à l'exposition actuelle de l'image numérique du corps et à sa relation avec les processus de subjectivation. À partir d'études sur la culture numérique réalisées en Amérique latine et de leur mise

en dialogue avec la théorie du stade du miroir de Jacques Lacan, l'article approfondit la dimension de la virtualité et son impact sur la subjectivité, qui est abordée dans son aspect d'extimité et de pluralité liquide et se construit sur la base d'un corps numérique produit pour le regard.

Mots-clés : cyberspace, subjectivité, image numérique.

Recibido: 23/11/2021 • Aprobado: 22/08/2022

Introdução

O surgimento de tecnologias sempre se constituiu como elemento de transformação nas sociedades, sendo que, via de regra, mudanças de paradigma também ocorrem, trazendo novos elementos às relações humanas e à constituição das subjetividades. As mudanças de paradigma demonstram que tais tecnologias – como a internet, por exemplo – não podem ser consideradas à parte dos processos de subjetivação, uma vez que fazem mediação e passam a ser incorporadas à vida cotidiana como algo essencial, conforme encontramos no conceito de cultura digital: “conjunto de práticas e representações que se baseiam nas redes telemáticas e que se desenvolvem com a crescente mediação da vida cotidiana pelas tecnologias da informação” (Alves, 2017, p. 170). Contudo, os efeitos dessa integração, no campo dos sujeitos, endereçam-nos algumas questões que nos parecem importantes na compreensão dos fenômenos ligados ao uso da internet em sua relação com os processos de subjetivação na atualidade.

Uma dessas questões diz respeito à primazia da imagem no espaço digital, sobretudo nas redes sociais, como testemunhamos hoje. Encontramos, neste contexto, uma demasiada exposição da imagem do próprio corpo vinculada à referência de si como alguém feliz, saudável, bem sucedido, desejável, dentre tantos outros adjetivos numa lista quase interminável. Não obstante, diante dessa idealização tão insistente de uma felicidade plena, reconhecemos, em nosso fazer clínico, o sofrimento destas pessoas por não serem tão felizes ou bem sucedidas como aquelas que seguem no Instagram, por exemplo. Parece-nos que a questão do olhar se torna significativa quando se fixa diretamente na imagem dos corpos que ali figuram como transmissores de uma mensagem que indicaria o segredo de uma vida feliz plena.

Diante disso, o presente artigo pretende identificar a relação que há entre a demasiada exposição do corpo como imagem no ciberespaço e a construção da subjetividade em nossa atualidade digital. Apesar de ser essencial reconhecer o lugar e a amplitude da cultura digital no processo de subjetivação atualmente, faz-se necessário também adentrar na dimensão de uma subjetividade que se constrói a

partir de um corpo virtual que é olhado por outros – de uma imagem que é investida na suposta tarefa de tradução de quem se é.

Diante da proposta deste artigo, faz-se necessário destacar que para a psicanálise tratar de subjetividade envolverá duas dimensões: uma relacionada ao sujeito do inconsciente e outra atrelada ao eu imaginário, segundo iremos descrever adiante. Ao elaborar sua teoria do estádio do espelho³, Lacan (1949/1998) deixa claro que o eu imaginário se dirige aos ideais aos quais o sujeito passa a se identificar. Sendo assim, conforme nos parece, o conceito de identidade se encontra no registro do imaginário e, portanto, mantém-se no desconhecimento do saber inconsciente. Neste artigo, daremos ênfase ao processo de subjetivação em sua vertente de identificação imaginária, ainda que seja impossível desarticulá-la da dimensão do sujeito do inconsciente. Tal distinção se faz essencial para a devida compreensão da elaboração que segue.

Subjetividades traçadas na virtualidade: efemeridade e cultura digital

O nascimento da internet se deu num contexto de grandes mudanças paradigmáticas na cultura ocidental. Chama-se de hipermodernidade o momento atual no qual características fundamentais da modernidade se apresentam de modo extremado, assumindo agora o formato de um pensar sem qualidades e esvaziado dos saberes pré-existentes, bem como do incremento da tendência à universalização, sobretudo, na ciência, que, com sua metodologia de padronização e associada ao discurso do capital, promete uma existência na qual nada pode faltar (Ramírez, 2017). Trata-se de um momento histórico e cultural marca-

3 O estádio do espelho é uma teoria elaborada por Lacan (1998/1949) que contempla a constituição do eu em sua dimensão imaginária no narcisismo a partir da concepção imagética do próprio corpo da criança e que irá definir para ela o mundo dos objetos. Lacan o descreve basicamente no texto “Estádio do espelho como função formadora do eu”, nos *Escritos*, mas retorna a esta elaboração em muitos outros momentos de sua obra.

do pelos excessos: “excesso de informação, excesso de imagens e excesso de individualismo” (Augé, 2007, p. 106, tradução nossa). O termo individualismo é tomado, neste contexto, não evocando a dimensão da singularidade, mas como referência ao trabalho individual de se aproximar de um padrão, uma vez que o que se encontra em jogo é a recusa da singularidade, daquilo que é único em cada um. Como ensina a psicanálise, há uma tendência de uniformizar os modos de gozo dos sujeitos hipermodernos (Laurent, 2019). Busca-se eliminar aquele que goza de modo distinto, mantendo-se sempre a referência na coesão do Um. Por esta razão, compreendemos que o rechaço das singularidades acaba alimentando a cultura hipermodernae, por conseguinte, tende a configurar a cultura digital. Contudo, interessa-nos conhecer os efeitos disso sobre os sujeitos, seus corpos e o estabelecimento dos laços sociais.

Trata-se mesmo de uma ruptura, “um corte na história” que indica um novo momento político, social, econômico e cultural, argumenta Paula Sibilia (2008). O capitalismo, operado pelo neoliberalismo, trouxe para o social a dimensão do consumo, dos *gadgets*, com seu imperativo categórico: consumo, logo existo. O domínio da dimensão do mercado opera nas subjetividades gerando consumidores e não sujeitos – no sentido psicanalítico, sujeito do próprio desejo –, enaltecendo a dimensão do espetáculo da imagem, que veicula um modo de existir na contemporaneidade. Como costuma-se mencionar nesse contexto, “a imagem étudo”, ou seja, a imagem diz de um modo de ser, do modo como se deve ser, o que, associado à ideia de um mercado globalizado, assume dimensões de padronização: uma imagem que sirva a todos, eliminando as diferenças. É o domínio do Um, do mesmo, caracterizando a busca pela homogeneização (Ramírez, 2017; Augé, 2007).

Ademais, o surgimento da cibercultura acentua a experiência do excesso: excesso de informações numa velocidade impossível de se acompanhar, bem como o excesso de exposição imagética, os quais acabam por gerar uma posição de passividade nos sujeitos (Augé, 2007). Algo lhes escapa e não se sabe definir ao certo o que venha a ser isso: “uma forma de solidão, na medida em que convida à navegação solitária e na qual todas as telecomunicações abstraem o relaciona-

mento com o outro, substituindo pelo som ou pela imagem, o corpo a corpo e o face a face” (Augé, 2007, p. 108, tradução nossa).

Parece paradoxal, mas a cultura digital, sendo marcada principalmente pela ideia de rede e de conectividade, sugere a necessidade de se estar conectado com outras pessoas. Contudo, é o modo como essa conexão ocorre que a torna paradoxal: pessoas ligadas a outras, mas sem corporeidade, como num não-lugar, onde se está próximo, mas ao mesmo tempo distante (Tapias, 2003). Nessa relação paradoxal, é possível recusar a proximidade do outro e ao mesmo tempo evocá-lo. Seja na vida solitária e individualista ou no apelo do sujeito em ser reconhecido numa imagem virtual que se sustenta no olhar do outro, encontramos um sujeito simbolicamente empobrecido, que recusa a falta em seu ser e se mantém fixado no sentido que pode ser produzido por uma imagem. Nisso, destacamos o caráter de fluidez que o ciberespaço pode assumir, como inconsistência que faz o sujeito vacilar: a imagem a que busca fixar um sentido de si mesmo e do seu mundo é também uma imagem virtual, construída a partir de um não-lugar.

Esclarecemos essa questão colocando em destaque os conceitos de lugar e não-lugar. Compreendemos que um sujeito constrói seu mundo simbólico a partir de vivências operadas no espaço que chamamos de lugar, que é o território no qual se identifica e se reconhece a partir de uma linguagem comum, bem como de aspectos históricos e sociais, que lhe possibilitam simbolizar seu mundo e suas relações, situando a si e aos outros num lugar simbólico. Ao contrário disso, o não-lugar é aquele espaço no qual o reconhecimento de si é impossível e os laços sociais são embotados, resultando num sujeito passivo e solitário (Augé, 2007). Tratam-se de espaços onde a transitoriedade é dominante e por isso não se intenta estabelecer laços duradouros ou significativos. Vejamos um exemplo clínico.

Cláudio (nome fictício) tem 27 anos, tendo boa parte de sua vida imersa nos jogos virtuais, nos quais manteve contato com inúmeras pessoas de diversos países. Eles conversam em inglês, preponderantemente. Ele sofre de crises intensas de angústia, medo e desânimo. Não possui relacionamentos fora da internet, exceto com seus familiares

mais próximos. Chama-nos atenção, no relato deste paciente, que embora viva em parcial isolamento social, mantém uma constante conversação com seus amigos virtuais, compartilhando com eles fatos mais íntimos de sua vida e tendo sua reciprocidade. Contudo, as amizades se desfazem sem motivos importantes, tão somente, estes amigos se distanciam e, por fim, a conversa se silencia. Consideramos este exemplo bastante pertinente para elucidar o caráter transitório, e por vezes vazio de referências consistentes, que pode marcar a virtualidade.

Ao imergir na virtualidade da cultura digital, o sujeito é lançado na dimensão do não-lugar: dimensão na qual é impossível reconhecer-se. Por sua vez, esta impossibilidade se sustenta nas próprias características da virtualidade, como a ausência de corporeidade e o distanciamento (Augé, 2007; Le Breton, 2017). Também por comportar a dimensão do exílio, em muitos casos, quando o usuário olha o mundo através da tela (Cunha, 2018). Sendo assim, tendo em vista seu caráter virtual, é possível pensarmos na cultura digital como marcada pela ubiquidade, o que nos parece bastante alinhado à ideia de um mundo globalizado.

Apesar de seu caráter ubíquo, não se pode afirmar que todos estejam ligados à cibercultura do mesmo modo. Não se pode falar de uma única cultura digital. Uma vez que a globalização tem implicado numa padronização, as desigualdades na inserção no mundo digital decorrentes do gênero, condição social ou grau de proximidade aos artefatos tecnológicos possuem importantes papéis não somente nos processos de subjetivação, mas também nos referentes à segregação – como encontramos em referência aos chamados analfabetos digitais. Vemos nisso um dos efeitos sobre os sujeitos do choque entre a realidade de material e a realidade virtual.

Ainda em relação à ubiquidade da cultura digital, depreendemos a possibilidade que ela promove quanto a um modo de vida híbrido: entre o analógico e o digital (Stengel & Soares, 2018). Há um movimento de exílio do mundo presencial desconectado para o mundo virtual, onde a conexão é imprescindível. É nesse novo território que a efemeridade instantânea deixa sua marca tão presente nos filtros e na estética da imagem a ser exposta na janela interativa. A virtualidade inebria com a fantasia de que nada é permanente, podendo-se

excluir e substituir imagens indesejadas com facilidade, reescrevendo sua própria história. É assim que a realidade, longe de ser concebida como concreta, irredutível ou imutável, podese revogada e recriada ao gosto dos sujeitos, ainda que algum mal-estar sempre seja passível de existir (Bauman, 2017).

Diante disso, notamos que a construção de uma história fluida e inconsistente não pode dar ao sujeito qualquer garantia de existência, exceto no instante do olhar que o reconhece de algum modo. Na transitoriedade do mundo virtual, encontramos este reconhecimento no instante da curtida, o que irá requerer novos e intermináveis apelos. Busca-se o reconhecimento do seu próprio ser no reconhecimento mediado pela imagem: sucesso, beleza, inteligência, qualquer atributo que possa se apresentar como uma totalidade, ou seja, sem revelar os pontos de falta, daquilo que a psicanálise nomeia como castração – trata-se de uma imagem de onde pulsa narcisicamente o eu ideal. Assim, segundo nos parece, há uma relação de compromisso entre o que se mostra e o que olha: “o que é virtual, e podese uma ameaça, é o efeito do fascínio absoluto, do retorno recíproco da imagem ao olhar e do olhar à imagem que o desenvolvimento de tecnologias de imagem pode gerar” (Augé, 2007, p. 114, tradução nossa).

Velado por detrás da tela, encontra-se o sujeito em busca de uma identidade, que mais parece ser uma identidade para o Outro do que um reconhecimento a partir de si mesmo. Projeta o corpo virtual como aporte de um movimento subjetivo destituído da falta, mas que estagna no gozo da imagem ideal. O corpo, enquanto imagem virtual, parece priorizar a mediação com o mundo, numa relação que declina o discurso do sujeito e dispensa o uso da palavra, destituindo-o de sua própria história, já que a constrói na tela, virtualmente, como uma imagem ideal, na tentativa de capturar o olhar do outro.

Subjetividades digitais à procura de um Outro

Ao reivindicar uma identidade a partir da exposição de uma imagem de si – de um corpo que é exposto ao gosto do mercado do imaginá-

rio – o sujeito, só e passivo, tenta se assegurar de alguma consistência subjetiva. A questão que se impõe ao sujeito, portanto, será: como uma identidade num mundo homogêneo poderá lhe dar consistência de ser? Talimpassa cria uma ação curiosa entre os usuários das redes sociais: por um lado tentam atribuir a si mesmos alguma distinção, quando destacam trivialidades de seu dia-a-dia, e ao mesmotempo parecem se orientar por qualquer padrão disseminado no que diz respeito avocabulário, às atividades e principalmente ao modo de se apresentarem nas redes – suaimagem. Nota-se a emergência do comum, do que é ordinário de cada um, na virtualidadedas redes sociais (Sibilia, 2008). Seria isto uma tentativa de encontrar alguma consistência? Considerando esta discussão, Paula Sibilia (2008) chama atenção para um tipo de subjetividade produzida na modernidade – o *homo psicologicus* – quando o cultivo da interioridade e do passado sustentavam o modo de ser histórico na forma de uma subjetividade introdirigida. No entanto, com a mudança de paradigma na hipermodernidade, as subjetividades tornaram-se mais voltadas para o exterior, quando há um empenho demonstrar-se. Na tentativa de se fazer consistente, o sujeito adentra na dimensão da uniformidade replicando os gestos, olhares, ditos, perfis, clichês das “modinhas” da internet. Chama atenção o fato de que a imagem exibida nas redes – como um dado a ver – faz uma convocação ao olhar de um Outro que lhe possibilite alguma consistência num mundo de iguais.

Não é incomum encontrarmos nos atendimentos psicológicos, pessoas que demonstram profundo sofrimento pelo fato de ter sido bloqueado por alguém, ou quando alguém, especificamente, visualiza seu post, mas nada comenta. O oposto também ocorre: quando certas quanto a si mesmo são construídas apenas pelo fato de ter recebido uma curtida. Uma paciente nos disse certa vez: “se ninguém curte minhas postagens, ninguém realmente me ama, não sou ninguém”.

Parece-nos que será o olhar do outro, representado nos *likes* e nos comentários de aprovação, que, destacando algo dos detalhes de cada um, dará o efeito de reconhecimento ao ser do sujeito, tal como teorizado por Lacan (2005/1962-63), quando, diante de sua própria imagem no espelho, a criança olha para o adulto solicitando uma confirma-

ção de que aquela imagem é ela mesma, isto é, representa seu próprio ser. Em outras palavras, a psicanálise nos ensina que a apropriação de uma imagem que represente o ser do sujeito sempre passa pelo reconhecimento presente no olhar de um outro, ainda que saibamos que essa imagem investida pelo desejo do Outro é apenas uma “máscara” de um eu ideal, ou seja, é uma imagem limitada, enquadrada no espelho, como nos diz Lacan (2005/1962-63) no *Seminário 10*. Em outras palavras, não é uma imagem que cubra plenamente o ser, posto que o sujeito do inconsciente escapa da fixidez do sentido que esta imagem procura estabelecer.

Tendo em vista o ensino de Lacan a partir do tema do estádio do espelho como função formadora do eu, compreende-se que o eu se constitui a partir de uma imagem de um outro, sendo por natureza um eu corporal (Lacan, 1998/1949). Desse modo, esse eu (*moi*), advindoda relação imaginária, é aquele que se apresenta ao mundo como imagem ideal de si mesmo, mas que também carrega consigo o caráter de exterioridade e estranheza do tempo em que acriança via sua imagem e não se reconhecia a partir dela. Por esta razão, a relação que cada pessoa estabelece com uma imagem de si sempre será marcada por um estranhamento, o quedenuncia a dimensão do total desconhecimento presente no registro do eu (*je*) inconsciente. Por sua vez, as possibilidades oferecidas pelo ciberespaço de alterar, retocar ou mudar essa imagem parece ser bastante atraente a um sujeito que precisa e evita lidar com o desconhecimento de si.

No *Seminário 10*, Lacan (2005/1962-63) demonstra que o reconhecimento de sua própria imagem pela criança não é suficiente. É preciso que um Outro invista libidinalmente aquela imagem. A criança nota que o olhar do adulto se dirige à imagem refletida, atribuindo-lhe a correspondência: “tu és isso”. Fundamentando-se nisso, compreendemos que o ciberespaço, como um espelho digital, reflete uma imagem idealizada de si que, ao ser admirada por outros usuários, assume o status de uma imagem a ser buscada, desejada. Parece-nos que, assim como nos ensina a psicanálise, o reflexo do corpo digital no espelho do ciberespaço, ocasiona a construção de um eu digital, uma identidade criada a partir de um ideal, cuja consistência permanece atrelada ao reconhecimento do Outro.

Acrescentamos que a busca da correspondência entre a imagem digital e o seu próprio ser ganha plenitude num mundo onde a dimensão simbólica – e, portanto, do Outro – encontra-se em declínio e os laços sociais parecem se sustentar na ascensão da dimensão imaginária. Por esta razão, a imagem torna-se inconsistente, bem como as identidades forjadas a partir dela, uma vez que o Outro contemporâneo se apresenta igualmente inconsistente. Isto, por sua vez, explica a busca desenfreada por um olhar que dê o efeito de um Outro: o apelo a ser visto e reconhecido de algum modo nos trâmites da rede.

Assim, mergulhado no ciberespaço, esse sujeito contemporâneo procura viabilizar alguma identidade possível, ainda que de forma múltipla. A possibilidade de se mostrar em múltiplos perfis viabiliza o reconhecimento em espaços compreendidos como distintos, ainda que algumas vezes se utilize de perfis *fakes* ou, de certa forma, o uso de imagens que não correspondem à realidade corpórea, social, econômica e intelectual desse sujeito. A ideia subjacente é a de construir alguma identidade viável na cultura (Corredor *et al.*, 2011). Essas identidades múltiplas e mutantes tentam dar corporeidade ao sujeito num mundo no qual os laços sociais se enfraquecem e as possibilidades de se reconhecer simbolicamente declinam, restando, muitas vezes, apenas a imagem. Como mencionado acima, segundo nos parece, a multiplicidade das imagens não representa a valorização das singularidades. Ao contrário, tal produção indica a fixação no Um, num gozo uno advindo da imagem ideal.

Sherry Turkle (1995, citada por Barragán, 2017), referenciando ao deus grego capaz de mudar sua aparência segundo seu desejo, Proteu, propõe uma subjetividade produzida a partir de um eu proteico, maleável e aberto, que na dimensão da virtualidade da cultura digital promoveria um estado de moratória ao indivíduo. Extenuado de sua experiência na realidade, o mundo virtual ofereceria o devido alívio temporário a esse sujeito. Turkle defende que, ainda que múltiplas, essas identidades construídas nas possibilidades ofertadas pelo ciberespaço mantêm a autenticidade e coerência ao carregarem os elementos sociais, psicológicos, políticos pertinentes a toda identidade. É na interação do sujeito com a máquina que fronteiras se estendem, rupturas são produzidas, subjetividades fluidas emanam, defende Turkle.

Ao defender uma subjetividade mais fluida, em mutação, Turkle (1995, citada por Barragán, 2017) esclarece que a pluralidade colabora com a aceitação a outros modos de ser, afastando-se de preconceitos excludentes, criando assim a possibilidade de uma existência. Para a autora, essa fluidez no campo das subjetividades é ocasionada pela possibilidade do anonimato da navegação na internet, permitindo o rompimento de censuras e limitações pessoais.

Observamos como alguns adolescentes, que estão lidando com a questão da partilhados sexos, criando perfis pessoais com gêneros e nomeações diversas. As atividades destes perfis ilustram as possibilidades a que estes adolescentes se vinculam, dando-lhes algum tempo a mais diante das exigências culturais por uma definição sexual.

De certa forma, o argumento de Turkle nos ajuda na compreensão da operação que as imagens podem efetuar no campo das identidades, mas não completamente no campo do saber inconsciente. Ademais, a ideia de uma navegação anônima na internet persiste como uma fantasia de adentrar numa terra sem lei, onde tudo é possível, ainda que sejam produzidos os rastros de navegação. Isto, por sua vez, traz à tona o medo da invasão de privacidade, quando o olhar, que pode trazer algum reconhecimento, pode também ser uma ameaça.

Do controle dos corpos à produção de imagens: onde está o sujeito?

Avançando um pouco mais no que nos indica Lacan (1998/1949) quando trata da constituição do eu na criança, encontramos um eu formado numa relação paranoica estabelecida entre a criança e a imagem refletida no espelho. Sabemos que a criança, que ainda não coordena seus próprios movimentos corporais, vê na imagem refletida um ideal. Uma vez que toma sua própria imagem como um outro, este lhe parece perfeito, um corpo coordenado, bem distinto de sua experiência motora. Sendo assim, é a partir do que vê na imagem re-

fletida que a criança viverá sua própria experiência de um corpo fragmentado, o que suscitará a agressividade paranoica, a qual sustentará o eixo imaginário entre o eu e o outro.

Olhar e ser olhado, como nos diz a psicanálise, faz parte de um mesmo movimento pulsional (Freud, 2017/1915). Ademais, não se sabe ao certo quem está do outro lado a olhar. Deixar-se olhar por um outro desconhecido, público, envolve algum risco, quando, por exemplo, ocorre em associação a uma postagem, algum comentário inadequado ou persecutório, ou mesmo os casos nos quais houve algum tipo de dano digital com o roubo de dados pessoais. Nestes incidentes – bastante comuns no meio digital – emerge a dimensão paranoica da relação do sujeito com o outro, que assim passa a se apresentar em seu caráter estranho daquele que olha, vigia e invade.

Um outro comportamento que ilustra a relação agressiva que o ciberespaço pode apresentar é o relacionado às práticas dos *stalkers*, aqueles usuários que seguem, vigiam obstinadamente a rotina de outros – celebridades ou anônimos. Os *stalkers* estão atentos à exposição das banalidades mais íntimas e corriqueiras das pessoas que observam, o que nos leva a pensar no caráter de vigilância que estas relações podem assumir.

A série *You* (Gamble & Berlani, 2008) conta a história de uma escritora, Guinevere, que, ao entrar numa livraria, conhece Joe, o gerente local, que passa a segui-las nas redes sociais, observando cuidadosamente postagens e detalhes do cotidiano daquela que ele julga ser a mulher de sua vida. Aos poucos, o assédio de Joe passa a ser uma obsessão infernal na vida de Guinevere. Chama-nos atenção o fato de o personagem Joe não ser um especialista em criptografia, senhas ou serviços digitais, mas ser uma pessoa comum, usuário da internet. Encontramos neste exemplo aquilo que foi mencionado acima, quando o olhar do Outro pode se tornar insuportável e ameaçador. Ademais, o simples ato de navegar pela internet ou adentrar o universo virtual produzindo dados pode revelar o lado obscuro do controle que as tecnologias carregam, bem como o desconforto que as relações podem carregar quando o olhar do outro indica um

reconhecimento estranho e ameaçador ao sujeito. Nem sempre essa ameaça é identificada, isto é, atribuída a um usuário em particular.

No universo digital, a ameaça pode surgir de modo difuso, como um Outro onipresente e onipotente, que altera destinos, inclui ou exclui pessoas, manipula informações. Um exemplo notável do efeito da proximidade daquilo que é estranhamente ameaçador encontra-se no filme *Rede de ódio*, do diretor Jan Komasa (2020), quando retrata as ações do protagonista, Tomasz, que interfere nas vendas de uma empresa concorrente, nos rumos de uma campanha eleitoral e até nas relações afetivas com a família Krasuck, através das postagens – imagens, em sua maioria – nas redes sociais. Acrescente-se que o contexto de Tomasz é marcado pela exclusão social, ficando geralmente numa posição subalterna aos favores dos Krasuck, uma família rica, que lhe garante o acesso à universidade através da oferta de uma bolsa de estudos. A sucessão de derrotas sofridas por Tomasz apresentadas no início do filme indica uma ameaça à sua própria existência naquele mundo. Revertendo o jogo da vida, Tomasz passa ao lugar do Outro, destituindo existências, tentando fazer um mundo à sua maneira. E ele o faz por detrás da tela, mediado pela fluidez imaginária do mundo digital.

O filme *Rede de ódio* também traz a reflexão sobre o que se denominou de capitalismo cognitivo, um capitalismo pós-industrial caracterizado pela geração de dados e bens obtidos através do trabalho digital, num contexto em “que se diluem as linhas entre o físico, o digital e o biológico” (Quijano, 2018, p. 18, tradução nossa). Trata-se de um capitalismo de vigilância relacionado às câmeras, às postagens e que remetem à ideia do panóptico, um sistema de vigilância aludido por Michel Foucault (1994, citado por Castro, 2015), que se caracterizava por um sistema de celas dispostas em círculo, tendo ao meio a torre de vigia, de tal modo que quem estava na torre podia ver a todos, mas o contrário não era possível. De modo semelhante, o capitalismo cognitivo captura a subjetividade lançando o sujeito num ciclo de produção:

O sujeito, convertido em dados, transita rapidamente entre os estímulos simultâneos das múltiplas plataformas que buscam captar

sua atenção fragmentada e curta. (...) Construir uma imagem, um perfil que destaca a existência e chame a atenção do outro, se destacar entre as multidões. Conhecer-se, ser visto, reconhecido, aceito, pode responder não aos efeitos narcisistas de uma época, mas a deficiências afetivas, perda de autoestima e referentes ou, mais simplesmente, à necessidade de se tornar visível para acumular capital social e obter uma oportunidade de emprego. Em tempos de maior concorrência e menos emprego, é necessário “produzir” uma imagem e uma reputação que possam vender bem no mercado e, para isso, é necessário estar permanentemente conectado (Quijano, 2018, p. 20, tradução nossa).

É preciso que o sujeito produza dados e com isso chame a atenção do outro. Tal captura se faz pelos rastros produzidos, que representam uma espécie de capital em forma de dados, ocasionando assim uma necessidade de se produzir mais dados, cuja promessa é fazer existir. Como ocorre no capitalismo neoliberal, os não consumidores não interessam a esse sistema. Em outras palavras, quanto mais dados são produzidos, mais interessante se torna quem os produz. Se nada produz, esse alguém inexistente. Assim, a movimentação das redes sociais acaba trazendo uma certa legitimidade ao usuário, sem se importar com a veracidade daquilo que é produzido. Demanda-lhe que produza conteúdo para que seja visto e reconhecido, revertendo o cogito cartesiano: existo quando sou visto - efeitos atuais sobre a subjetividade. Desse modo, o ingresso e a produção no ciberespaço reclamam o estatuto de necessidade absoluta.

Não é incomum que o efeito disto que passa a ser considerado como uma necessidade se apresente na clínica, através dos estados de angústia, inibições, agressividade e depressão. Vemos nisso, que na medida em que lhe é exigida a produção de conteúdos, algo também vai sendo retirado dos sujeitos, levando-o a um esvaziamento.

São modos de controle presentes no ciberespaço e que servem aos propósitos de uma economia globalizada de tendência neoliberal. “O êxito do modelo depende da invisibilidade do poder de vigiar que se torna eficaz em seus resultados e economicamente eficiente em sua instrumentalização” (Castro, 2015, p.72). Acerca da invisibilidade desse

controle, o virtual parece assegurar-se das condições de exercê-lo devido a seu caráter remoto e incorpóreo, tal como encontramos na ação de Tomasz em *Rede de ódio* (Komasa, 2020). Sendo assim, esse Outro que olha encontra-se difuso e, por conseguinte, precário em consistência, mas que exerce um controle anônimo sobre os sujeitos.

Subjetividades êxtimas

Lacan (2005/1962-63) apresenta um importante comentário, no *Seminário 10*, a respeito da relação do sujeito e sua imagem no espelho. Trata-se do instante em que o olhar do próprio sujeito surge na relação imaginária, indicando algo que não se encontra na imagem em si: o olhar aponta para um ponto que não se faz representar na imagem. Parece-nos que as *selfies* traduzem bem essa ideia lacaniana, quando algo a-mais é agregado à própria imagem. Vejamos.

Encontramos nas *selfies* uma certa continuidade com a ideia de autorretrato dos grandes pintores antigos, contudo, no universo da cultura digital, ganha novos sentidos. Como vimos acima, há uma relação entre o número de *likes* e compartilhamentos com a produção de uma identidade para a qual o sujeito poderá se reportar. Tratam-se de índices quantitativos que qualificam a produção identitária a partir do mais-de-gozar ao ser olhado: “câmera, imagem e espelho em um só jogo a serviço da construção das imagens de si, das fabulações e invenções dos sujeitos” (Jesus, 2018, p. 157).

Lacan (2005/1962-63) nos alerta que a imagem no espelho se encontra enquadrada, isto é, ela se sustenta não somente pelo que surge no campo do olhar, mas, principalmente, por agregar o ponto que escapa de toda representação e que aloja o cavo no qual encontramos o objeto *a*, objeto de gozo. Nas *selfies*, encontramos o gozo da própria imagem indicando o ponto para onde o olhar do sujeito se volta, ponto em que podemos localizar o *a*, o objeto mais-de-gozar, que escapa ao enquadramento da imagem.

O filme brasileiro *Ferrugem*, do diretor Aly Muritiba (2018), apresenta o comportamento bastante comum de adolescentes que compõem o roteiro de sua própria história a partir da sucessão de imagens – *selfies*, sobremaneira – que figuram nas redes sociais digitais. O que nos chama atenção na história da personagem Tati é a busca pelo melhor ângulo, aquele que poderia traduzir sem falta o seu ser. Porém, na multiplicidade da oferta de imagens possíveis, algo escapa na formatação da história apresentada aos olhares de seus pares: a cena em que protagoniza uma relação sexual com o namorado vaza na rede, repercutindo de modo trágico na vida da adolescente. Ao atentar contra a própria vida, num dos corredores da escola, cenário onde um real faz falhar a imagem com que se apresentava, Tati olha para as câmeras e sai da cena, suicidando-se. Esta última cena parece fazer alusão ao Outro evasivo, indeterminado da virtualidade: o tiro foi a tentativa de fazer algo falhar, ou melhor, trazer aquilo que falha para diante das câmeras – dos olhares.

Como apresentada no filme *Ferrugem*, a temática de uma intimidade exposta ao olhar público traz à discussão o conceito de extimidade – algo que é externo e íntimo ao mesmo tempo. Segundo nos parece, esta relação entre o interno e o externo vai além das posições daquele que se mostra e daquele que vê, uma vez que as posições se mesclam muitas vezes. De qualquer modo, o que se apresenta quando consideramos a extimidade é o caráter do que se encontra em jogo no ver e no dar-se a ver: a existência do sujeito que se funda num contínuo de interioridade e exterioridade. Em outras palavras, trata-se de uma subjetividade constituída como extimidade.

O conceito de extimidade nos permite pensar numa intimidade estabelecida a partir da exterioridade, ou seja, daquilo que pode ser obtido de um outro fora. Através das *webcams*, corpos são expostos em intimidade, uma intimidade construída para ser exposta ou que possua potencialmente a possibilidade de ser exposta, como encontramos em *Ferrugem*. Os detalhes são pensados para produzirem o efeito de impressionar o olhar de quem vê. “Nesse movimento, transformam-se também os tipos de corpos que são produzidos no dia-a-dia, bem como as formas de ser e estar no mundo que são ‘compatíveis’ com cada um desses universos” (Sibilia, 2008, p. 19, tradução nossa). Essa extimidade produz corpos descartáveis, que procuram adequar-se a múltiplos cenários.

Sibilia (2015, citado por Stengel & Soares, 2018) defende que o corpo assumiu o status de manipulável como algo externo à pessoa e que é apresentado segundo o querer de cada um. É o corpo mutável, construído segundo algum ideal do sujeito, mas que representa, na multiplicidade das imagens, a pluralidade das identidades digitais. Concomitante com a liberdade de criar inúmeros perfis diferentes nas redes sociais, novos “eus” se multiplicam na virtualidade corpórea das imagens. Ademais, não se pode separar os processos ligados ao corpo daqueles ligados ao eu, como demonstra a psicanálise, no sentido da constituição de um eu imaginário (*moi*). Desse modo, torna-se evidente que a subjetividade atualmente se constrói naquilo que se passa entre o sujeito, o Outro e a virtualidade.

Acrescentamos a isso, conforme Le Breton (2010, citado por Stengel & Soares, 2018), que a modulação dos corpos reflete aquilo que impregna uma sociedade – seus valores, crenças e ideias. O corpo que emerge no ciberespaço é um corpo virtual, sem corporeidade, ampliado e plástico, reinventado inúmeras vezes. Pensemos nas múltiplas possibilidades que o *fotshop* oferece para cobrir imperfeições de um corpo, alterando suas formas naturais, cobrindo aquilo que é indesejável.

Avançando no ensino de Lacan, compreende-se que a centralidade do sujeito, aquilo que lhe é mais íntimo, encontra-se no exterior a ele: trata-se mesmo de uma extimidade. A natureza *ex-cêntrica* do sujeito, forjada em sua falta-a-ser, que o coloca fora da cadeia significante como *ex-sistente*, aponta sempre para fora. Por conseguinte, o Outro se constitui êtimo do sujeito (Quinet, 2009). Sendo assim, o termo extimidade, referido por Lacan poucas vezes, refere-se a algo que é mais íntimo e próximo, mas que é exterior, sendo ao mesmo tempo familiar e estranho – infamiliar.

Para a psicanálise, o infamiliar é algo próprio da constituição humana. Miller (2010, p. 17) nos diz que a extimidade é “uma fratura constitutiva da intimidade”. Fratura porque o sujeito, na relação de alienação e separação do Outro, constitui-se dividido, uma vez que há algo do ser do sujeito que permanecerá sem decifração, fora do sentido da linguagem: uma fenda constitutiva que tentamos preen-

cher a todo modo. Sendo assim, o Outro é êxtimo do sujeito. Isso irá refletir na natureza da subjetividade humana, que sempre irá se dirigir ao exterior através de uma imagem, a partir da qual se fará referência como sendo si mesmo. Contudo, conforme já mencionamos, trata-se de uma imagem que, longe de ser plena e completa, encontra-se alheia à verdade inconsciente desse sujeito.

Acresce-se a isso que “o êxtimo é o inconsciente”, nos diz Miller (2010, p. 20). Estabelece-se assim uma heteronomia radical da condição humana, tomando o inconsciente como o discurso do Outro. Todavia, o sujeito custa a admitir sua extimidade e a ela reage, posto sua natureza fundada no real (Seganfredo & Chatelard, 2014). A exposição pública dos *nudes*, por exemplo, testemunha esse caráter infamiliar, ao suscitar paixões intensas quando vazados inesperadamente na rede. O mesmo se pode dizer a respeito do esvaziamento dos perfis, quando, num arroubo qualquer, o usuário apaga todas as suas imagens, estranhando o olhar de um outro que se tornou invasivo.

Sendo assim, atrelado ao discurso do Outro e a uma imagem de onde pretende ser reconhecido no mundo, o sujeito tenta responder ao enigma do desejo do Outro: o que queres de mim? O espetáculo em cena envolvendo a produção dessas imagens denuncia amostração – repetição de uma cena para ser vista pelo Outro. Ao mesmo tempo, a amostração ocupa o sujeito na infinita tarefa de produzir imagens digitais, desocupando-o de um saber sobre si mesmo. Em outras palavras, a exposição das imagens no ciberespaço consegue o efeito – ainda que de um modo demasiadamente efêmero – de eclipsar a falta em si, produzida pelo não saber do desejo do Outro, já que se oferece a imagem mais perfeita, aquela que parece revelar um ser em plenitude.

Jeane (nome fictício) é uma adolescente de 15 anos, que iniciou seu atendimento psicanalítico devido a crises de dissociação cada vez mais frequentes. Já no início da adolescência ela era abordada por outros adolescentes, homens e mulheres, que lhe solicitava carícias quando se encontravam, mas também trocas de mensagens de natureza sexual, enviadas em *nudes*, sexo virtual. Ao falar de suas experiências sexuais, Jeane relata que não sabe o motivo que se obriga a aceitar qualquer proposta, ceder a qualquer apelo, ela não nunca diz não. Po-

rém, de uma coisa ela tem certeza: teme ser abandonada por todos, caso não lhes atenda. Quando iniciou os atendimentos psicanalíticos, Jeane compartilhou de seus impasses quanto à sexualidade – transitava entre o masculino e o feminino –, movimentos sempre acompanhados de muita angústia. Havia um mal-estar em sua relação com seu corpo feminino, dizia-nos, corpo que ela ofertava nas relações virtuais para ser olhado, desejado, recusado. Logo nota que seu corpo, fonte de suas inquietações, também era objeto erótico. Corpo moldado pela tela, nos ângulos das imagens, dos nudes, do sexo virtual. Assim, na expectativa de ser reconhecida como objeto de desejo de um Outro, de olhar em olhar, curtidas e curtidas, ela vai construindo um “eu virtual”, alguma imagem a que se reconheça, ainda que não se dê conta que nenhuma imagem é capaz de cobrir a totalidade de seu ser: uma parte permanecerá de fora, sempre.

Considerações finais

Ao adentrar a discussão sobre a natureza do processo de subjetivação que ocorre frente a imagem de um corpo digital, encontramos como consequência a questão de o ciberespaço ser como um campo subjetivo que possibilita a existência. Em outras palavras, é possível que, para muitos, a realidade digital seja a única possibilidade de se fazer existir de certa maneira, quando a realidade não digital se apresenta grandemente precária. O ciberespaço se apresenta, assim, como um lugar de criação, um universo de possibilidades. No entanto, o caráter efêmero desse espaço incide sobre o sujeito em questão, ocasionando um sentimento de urgência ou mesmo o mal-estar resultante de um processo que não se completa, requerendo novos *posts*, a captação de mais *likes*, novas visualizações.

A psicanálise é testemunha de que não há conciliação entre o sujeito e seu próprio corpo. Haverá sempre algum estranhamento. Ademais, como Freud (2020/1930) afirmara, a razão do mal-estar do ser humano reside em três domínios, sendo o corpo um deles. A psicanálise ensina, assim, que o mal-estar reside no “aferrar-se a uma identificação transformada em identidade” (Iannini & Santiago, 2020, p. 61). É na

inconsistência das imagens que a transitoriedade das identidades revela o mal-estar. Tenta-se se sustentar em algo que não tem consistência.

O mundo digital abre portas múltiplas para o sujeito, ainda que nem sempre possa haver qualquer garantia de que o saber de si mesmo, o reconhecimento de sua condição de falta ou a ética do vir-a-ser esteja em questão nessas escolhas. Consideramos que o ritmo imposto pelo mercado das imagens digitais acaba por favorecer a fantasia de ser possível se tornar qualquer pessoa, ser a melhor pessoa ou “ser especial”, como se costuma dizer. Mas a demanda por atualizações nos conteúdos dessa história feita de imagens digitais denuncia que o processo nunca se completa, há sempre algo por fazer – mesmo que seja no dia seguinte.

Trata-se de um processo de fascínio e horror, como nos diz Bialler e Voltolini (2017). Fascínio pela possibilidade de alterar-se, apresentando-se de formas diversas, mas que muitas vezes resulta tão somente na fixação a uma imagem que engana, ao ocultar a verdade inconsciente desse sujeito. Na pluralidade, estas imagens mostram-se descartáveis conforme o gosto do mercado. O horror encontra-se aí: não há imagem que sacie a voracidade do vazio humano. Ainda que se trabalhe muito para tentar afastar-se desse elemento infamiliar, ele insiste em permanecer: na estranheza de não se reconhecer plenamente naquela imagem jogada na rede ao olhar do Outro.

As implicações clínicas disto, sabemos, são inúmeras: ansiedade, depressão, fadiga, agressividade, isolamento, dentre outros, que ganham a expressão clínica de um certo esvaziamento subjetivo, quando a imagem prevalece como certeza de tradução de si mesmo, desconsiderando as dimensões da falta, do desejo, do inconsciente.

Haveria, de fato, um tratamento dessa questão da existência humana num mundo digital sem o defrontar-se com os limites de si mesmo, com aquilo que não se é? Não seria o encontro com a falta, numa imagem falhada e incompleta, que indicaria uma nova possibilidade de existir? Acreditamos que sim. É possível reinventar sua própria história a partir da incompletude, tornando possível o desencontro com os ideais e, exatamente por isso, aceder ao próprio desejo.

Referências

- Alves, M. A. S. (2017). A cibercultura e as transformações em nossas maneiras de ser, pensar e agir. In N. L. Lima, M. Stengel, V.C. Dias & M.R. Nobre (Orgs). *Juventude e cultura digital: diálogos interdisciplinares* (pp. 169-180). Editora Artesã.
- Augé, M. (2007). Sobremodernidad: Del mundo de hoy al mundo de mañana. *Contrastes: Revista Cultural*, (47), 101-107. <https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbmxbnRyb3BvbG9naWFzbG9jYWxlcl3xneDo2OTJlZGI4ZmRmMTQzZDgy>
- Barragán, M. V. (2017). El devenir de la identidad digital: Del yo pro-teico al yo identificado. *PAAKAT: Revista de Tecnología y Sociedad*, 6(11), s.p. http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2007-36072017000100005&lng=es&tlng=es
- Bauman, Z. (2017). A civilização freudiana revisitada, ou o que se supõe ter acontecido com o princípio da realidade? In Z. Bauman, *O retorno do pêndulo: Sobre a psicanálise e o futuro do mundo líquido*. (pp. 25-45). Zahar.
- Bialer, M. & Voltolini, R. (2017). Internet e subjetividade contemporânea: Entre o fascínio e o horror. In N. L. Lima, M. Stengel, V.C. Dias & M.R. Nobre (Orgs). *Juventude e cultura digital: diálogos interdisciplinares*. (pp. 57-78). Editora Artesã.
- Castro, E. (2015). *Introdução a Foucault*, Autêntica Editora.
- Corredor, J. A., Pinzón, O. H. & Guerrero, R. M. (2011). Mundo sin centro: cultura, construcción de la identidad y cognición en la era digital. *Revista de Estudios Sociales*, (40), 44-56. http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S0123-885X2011000300005&script=sci_abstract&tlng=pt
- Cunha, C. de F. (2018). Adolescência, corpo e virtualidade: recusa ou sintoma. In N. L. Lima, M. Stengel, V.C. Dias & M.R. Nobre (Orgs). *Corpo e cultura digital: Diálogos interdisciplinares* (pp. 113-120). Quixote+Do Editoras Associadas.
- Freud, S. (2017/1915). As pulsões e seus destinos. In P. H. Tavares (Trad.), G. Iannini (Ed.), *Obras incompletas de Sigmund Freud: As pulsões e seus destinos* (pp. 13-72). Autêntica Editora.
- Freud, S. (2020/1030). O Mal-estar na cultura. In M. R. Moraes (Trad.), G. Iannini (Ed.), *Obras incompletas de Sigmund Freud: O mal-estar na cultura e outros escritos*, (pp. 305-410). Editora Autêntica.
- Gamble, S. & Berlani, G. (2018). *You*, [série, temporada 1]. Netflix.
- Iannini, G. & Santiago, J. (2020). Mal-estar: Clínica e política. In M. R. Moraes (Trad.), G. Iannini (Ed.), *Obras incompletas de Sigmund Freud: O mal-estar na cultura e outros escritos* (pp. 33-64). Editora Autêntica.

- Komasa, J. (2020). *Rede de ódio* [Filme]. Netflix.
- Jesus, E. de. (2018). Tecnologia, imagem e subjetividade nas redes: as performances do selfie. In N. L. Lima, M. Stengel, V.C. Dias & M.R. Nobre (Orgs). *Corpo e cultura digital: diálogos interdisciplinares* (pp. 151-159). Quixote+Do Editoras Associadas.
- Lacan, J. (1998/1949). O estádio do espelho como formador da função do eu. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 96-103). Zahar.
- Lacan, J. (2005/1962-63). *Seminário, livro 10: A angústia*. Zahar. Laurent, É. (2019). Discursos e gozos maus. *Correo* 82,(1), 39-59.
- Le Breton, D. (2017). Adolescência e comunicação. In N. L. Lima, M. Stengel, V.C. Dias & M. R. Nobre (Orgs), *Juventude e cultura digital: diálogos interdisciplinares* (pp. 15- 32). Editora Artesã.
- Miller, J. A. (2010). Racismo. In J.A. Miller, *Extimidad* (pp. 43-58). Paidós.
- Muritiba, A. (2018). *Ferrugem* [Filme]. Grafo; Globo Filmes; Canal Brasil.
- Tapias, J. A. P. (2003). *Internautas y naufragos: La búsqueda del sentido en la cultura digital*. Trotta.
- Quijano, P. R. (2018). Jóvenes y cultura digital: abordajes críticos desde América Latina. *Chasqui: Revista Latinoamericana de Comunicación*, (137), 14-17. <https://doi.org/10.16921/chasqui.v0i137.3664>
- Quinet, A. (2009). *Psicose e laço social: esquizofrenia, paranoia e melancolia*. Zahar.
- Ramírez, M. E. (2017). Adolescentes e redes sociais virtuais. In N. L. Lima, M. Stengel, V.C. Dias & M.R. Nobre (Orgs), *Juventude e cultura digital: diálogos interdisciplinares* (pp. 79-94). Editora Artesã.
- Seganfredo, G. de F. C. & Chatelard, D. S. (2014). Das ding: O mais primitivo dos êxtimos. *Caderno Psicanalítico*, 36(30), 61-70. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952014000100004
- Sibilia, P. (2008). *La intimidad como espectáculo*. Fondo de Cultura Económica.
- Stengel, M. & Soares, S. S. D. (2018). Corpos contemporâneos: híbridos, mas inegavelmente humanos. In N. L. Lima, M. Stengel, V.C. Dias & M.R. Nobre (Orgs). *Corpo e cultura digital: diálogos interdisciplinares* (pp. 163-178). Quixote+Do Editoras Associadas.